TL6930-02

SOBRE A REVERIFICAÇÃO DA PRÁTICA

Todos compreedemos já o que é prática. A prática situa-se, portanto, na materialização das tarefas. Todavia isto não basta, porque a prática é um processo complexo. Vamos procurar aprofundar a nossa compreensão sobre o assunto.

a) - A prática deve ser não só o esforço como a capacidade que se deve procurar melhorar;

b) - A prática deve ser vista nãdsó na compenetração que se deve ter dos deveres mas como e principalmente no empenhamento da aplicação dos princípios

c) - A prática deve ser colocada também na vontade de aperfeiçoamento pessoal através da correcção não só das ideias como na correcção dos métodos de trabalho;

d) - A práticadeve ser apreciada pelo tempo como tambem deve ser conotada nas responsabilidades;

e) - A prática,em sumn, deve ser uma prática de constante melhoria da prática. Só assim, isto é, só a correcção constante da pratica pode dar à prática o sangue necessário e o vigor permanente para se poder dizer que é uma prática constante ou, dito de outra forma, uma prática correcta.

Porque é que perguntarão, nove anos depois (em que todos lavamos na bagagem, nove anos de prática?), continuo a insistir na prática? É simplesmente porque não devemo agarrar no peso dos anos para a defesa da prática. E também porque devemos reconhecer a nossa prática ainda não é uma prática consequente. E lembrar tambem que só a morte porá fim à prática de cada um e é por isso que a prática nunca sera uma prática ideal nem uma prática acabada enquanto vivos. Tanto no plano político como no ideológico o nosso processo ainda uma criança e, assim, os desvios, as concepções erróneas e as tendências que sabotam a vitalidade da Organização são e continuarão a ser inevitáveis e as sobrevivências de classe não se desvanecerão fàcilmente, se não existe esforço no espírito e na acção. Já todos sabemos que a pequena burguesia é uma classe muito fraca, vacilante e um bom campo para os oportunismos de direita e de esquerda.

Agora vou aborda mais demoradamente estas questões.

a - A PRÁTICA COMO ESFORÇO NO DESEMPENHO DOS DEVERES. Se se fala do esforço, todos compreedemos que só a materialização das tarefas entregues a cada um, pode significar esforço. E que todo aquele que tem uma tarefa a cumprir e não a executa cabalmente, não demonstra esforço; se deixa o tempo correr, não existe esforço; se não cumpre,não não há esforço e se o faz um ano depois ou se se não tem em conta os prazos não existe esforço. Se um quadro vê as coisas correrem ao seu redor,e não mexe um dedo, não se pode falar de esforço. Se as questões da Luta se amontoam nas nossas mãos, não se descobre aí algum esforço. e outros Organismos (superiores, iguais ou inferiores) chamam atenção sobre isto ou aquilo e fica-se "surdo", não se pode reconhecer aqui esforço. Então o esforço e o empenhamento pessoal que se faz por cumprir, a tempo e bem, as obrigações. O esforço é também a diposição permanente e a preocupação constante de resolver, pelo menos,um por um, os problemas que cada um tem em mãos. O esforço e a vontade indomável de se buscar todas as formas para executar com disciplina, perseverança, dinamismo e iniciativa as actividades que competem a cada um. Podem haver camaradas que estejam a dizer que eu menosprezo o esforço. Não serei o juiz. O juiz são os factos o que quer dizer a própria prática de cada um. Vamos colocar isso em exemplo: o extinto EMG apresentou em Junho de '83 o planeamento pedido desde '82. A Comissão Regional da Ponta Leste lança os mesmos apelos gerais que o EMF, não dando o devido cuidado à cópia dos textos da propaganda política, que encontram alguns com muitos erros. Parecem pequenas coisas que sempre, como o camarada Reinaldo Freitas Belo, pensamos todos que um planemento e coisa sem importância para a Luta. E o camarada Secretário da Região poderá dizer até que não pode estar em todo o lado, mas aí está o problema-devemos estar emtodo lado e isso exige esforço. Por outro lado, vamos verificar que, nalgumas companhias, os comandantes se esforçam no pensamento (buscando e estudando novas tacticas) e na acção (pela aplicação e pela correcção das formas anteriores de actuação) e, resumindo, o seu esforço de exterminar o inimigo e recuperar o seu armamento.

Nenhum de nós tem sòmente um trabalho ou uma única actividade a desenvolver, mas muitps camaradas ainda só sabem responder por uma tarefa e andam justificando-se com os seus "específicos" -- eu só faço isto ou só faço aquilo; isto aí ou aquele alí não é meu. Conforme as responsabilidades que cada um recebe, cada um deve compnetrar-se de que tem à sua frente a sua responsabilidade pela Luta e não a responsabilidade por uma tarefa concreta. É verdade e todos nós reconhecemos, que existem situações que tolhem os nossos esforços; não negamos, porem, verifica-se que alguns camaradas têem a tendência de agarrar nas situações para encobrir a situação de

nas situações para encobrir a situação de rotina, de passividade e de pouco esforço. Eu sei que uns camaradas dirão que "eu não sei reconhecer o esforço de outros que também estão a lutar". Pois bem, todos podemos reparar que, ~~nadaxfax~~ às vezes, damos ares (=aparentamos) de muito esforço, Mas onde é que se pode sentir esse esforço? Não é no resultado? Penso que todos concordamos que nada (=nenhum bom resultado) se alcança por sorte ou aparece por acaso; assim só o resultado pode qualificar o nosso esforço. Desta forma, se é verdade que não posso negar "esforço", devo, por outro lado, dizer que o esforço não foi grande e devo dizer também que se coisas se arrastam por muito tempo sem soluções, não só não é grande o esforço como se pode afirmar mesmo não houve esforço. Os quadros que teem a responsabilidade de supervisionar, orientar e activar as actividades de outros organismos, mesmo tomando em conta que eles (aqueles quadros) não tomam parte directamente nos resultados, é inteiramente solicável este critério - o critério de ~~xxx~~ apreciar pelo resultado alcançado pelo organismo que lhes estão subordinados porque eles (aqueles quadros) exercem uma influência primordial embora nidirecta nas actividades desses organismos. Se nos organismos inferiores, subsistem deficiências, dificuldades, erros, etc. devemos buscar a causa na acção que os organismos superiores ou imediatamente superiores detem sobre o processo. É este o papel da Direcção, em todos ~~xxxxx~~ níveis e em todos os planos. Na companhia "A" da I Unidade, dentro de um plano de acção da companhia, o comandante entrega a iniciativa aos ~~subalternos~~ comandantes subalternos e estas vão-se desenvolvendo, capacitam-se a comandar e a melhorar a prática, matam o inimigo e capturam armas, contribuindo assim para o crescimento da companhia. Verificamos na prática e pela prática, a verdade deste critério. E esta verdade pode ser demonstrada de outra forma. O extinto Cmd da BV não proporcionou às nossas forças que combatem na RMC, a necessária capacidade de iniciativa e travava com planeamentos bruscos, um após outro. Ouvimos falar em Janeiro, aqui na RMC, que a ex-4ª companhia tinha já o plano nº5, sem ter cumprido metade e pl~~a~~neamento do Cmd da BV (=2ºCmdt Aswain, que até tinha o seu 2º Selalu para a sua segurança onde ficava simplesmente relegado a não fazer nada).

Antes de prosseguir, quero dissipar as dúvidas que se podem aparecer quando a exercer "ataques directas e pessoais", devo esclarecer que foi o próprio Cmdt Aswain que me escrevera a recomendar que em críticas deste género, deveria abordar directamente as quesões para se saber quem e como. E então, na ex-5ª, o "cerco a Sarín" não podia ~~xxxx

sacrifícios do Povo Maubere e dos FALINTIL, ou servem para dizermos sòmente que também sabemos? O camarada Okan gerou os seus princípios tão apressadamente que ~~xx~~ só se pode lamentar pelo parto prematuro das suas verdades e o camarada Reinaldo rumina a sua sabedoria tão demoradamente que ultrapassou o tempo da gestação. Mas, ainda assim, deve-se felicitá-los porque souberam preencher o tempo. Outros há que nem estudam; outros há que permanecem intangíveis nas suas"práticas anteriores" de que"também fiz isto", de que "também tenho experiência", não se apercebendo de que aquela ou outra experiência estagnou; mataram-na eles próprios; e,agora, não consentem que outros, "sem experiência" mas que melhoraram no plano do pensamento, lhes façam ver que se encontram ultrapassados. O camarada Mauk, dirige uma escrita ao camarada CP Konis, no caso citado atrás a pedir ao camarada Konis, que apresentasse as suas"experiências militares, pois torna-se claro que só"experiências militares passados" e que ~~podemxfacultarx~~ podiam facultar outros a ~~xirx~~ dirigir críticas sobre a situação da ex-Ja.

O estudo da nossa guerra deve ser consciencioso e deve partir deste princípio - estudar para compreender, compreender para melhorar, melhorar para cumprir e cumprir é servir a Luta!

Retomando o assunto, vamos ver como a capacidade é uma parte integrante da prática. Nós todos podemos verificar que só melhoramos a prática quando estamos conduzidos por ideias claras, com concepções firmes e por princípios correctos. Nós todos verificamos, nos nove anos, como o papel influente do pensamento foi revelado no campo dos nossos sucessos. E verificamos ainda que, apesar dos avanços notórios nop plano teórico e prático, quão desejosos estão muitos quadros por aprofundar os seus conhecimentos para melhorarem e corrigirem a prática. O estudo ou esforço na melhoria da capacidade subjectiva (quando é feita sem segunda intenções -"segundas intenções" significa o desejo de competir com os outros, o desejo de "fazer [illegible]mente figura de sabichão") mas só com [illegible]intenção, básica, fundamental, de aprender para contribuir para a luta permite uma capacidade global no desenvolvimento das actividades, isto é, assegura-nos uma prática cada vez melhor. Este esforço deve ser sério e constante. Sério porque não basta decorar umas questões para darmos ares de que também sabemos falar ou escrever. Sério porque exige espírito de auto-crítica, pois um etudo da nossa guerra so pode ser melhor compreendido nos seus insucessos, mas se não reconhecermos os erros, não estamos capazes de entender a verdade. (E não está com Okan nem com Xanana - está com a realidade e a realidade é a prática dos quadros e combatentes). Constante porque, se paramos,estagnamos, e ficamos ultrapassados pela situação; constante também porque as nossas capacidades, por serem limitadas, exige um esforço contínuo. Se a teoria ilumina a prática, a capacidade deve buscar-se na acção recíproca dos elementos=teoria e prática. Devemos combater a teoria vã, a teoria pela teoria e alguns camaradas ainda praticam isso - estudos ou debates da teoria pela teoria; mas devemos, da mesma maneira, combater aquelas que, de uma ou de outra forma, só sabem apelar para a"prática". Se a prática é o critério, a prática é o crtério de quê? - pergunta-se. Pois a prática é o critério da verdade - da verdade que aquele facto foi bom, correcto, teve sucessos; da verdade de que estoutro foi mau, incorrecto, teve insucessos. Quero realçar que se o critério é de que prova uma verdade, a prática prova que é verdade a verdade de uma coisa ou prova que é verdade a falsidade de outra. Entendendo deste modo, sabemos colocar muitas justificações sobre a prática que ainda servem para proteger o orgulho pessoal. Assim, a capacidade revela-se na prática, a capacidade melhora-se com o esforço pessoal, a capacidade busca-se na clarificação dos princípios e, finalmente, a prática provará a capacidade e o avanço da capacidade.

Ninguém é imediatamente capaz de desenvolver ~~xxxxxxxxxx~~ qualquer tarefa, quando a inicia. As indecisões , o ritmo moroso que acompanha os movimentos e as falhas são inevitáveis; mas, se se imprimir esforços contínuos para melhorar, melhora-se na verdade. Pelo contrário, se se limita a "viver" as novas responsabilidades com a ~~xxx~~ "honra de ter sido ~~xxxxxx~~ promovido", se não se preocupa em melhorar nas novas responsabilidades, não se avança, e a prática torna-se uma prática morta que, por sua vez, enfraquece a prática dos outros. Só o esforço cuidadoso e consciente, só o esforço de acompanhar o processo e aprender do processo, pode trazer a todos a capacidade para desenvolver uma prática ~~xxxxxxx~~ consequente.

Em Março de '83, foi apresentado um texto, onde se abriam perspectivas para melhorar a compreensão sobre a actual etratégia; o processo das conversações foi outro facto vivido em todo o país e que eludidava, de maneira clara a estratégia. Em '84, os camaradas Mauk e Okan falam de "violação da linha"! Como isso se pode compreender? Como isso se justifica? Ninguém foi obrigado a acreditá-la nem a ninguem foi utilizada coacção ou violência. O texto foi discutido "democráticamente" em reunião do C.Executivo durante várias dias!!!

É neste sentido que exige a todos para melhorarem, cada vez mais, a capacidade subjectiva no estudo individual das questões, no debate colectivo (consciente e profundo dos problemas da Luta, na aprendizagem humilde com outros companheiros. Todos sabemos

dizer que, se uma parte estagna, o todo não avança como deve ser; sabemos dizer mas não sabemos medir estas palavras nos nossos esforços. Se a prática deve ser vista também na capacidade de desempenharmos osnossos deveres, então, todos concordamos que, todo aquele que está desempenhndo cabalmente as suas actividades pode estar provando que ou possui capacidade ou está a melhorar a sua capacidade. Em princípios de '82, lembrou-se ao exito EMG para estudar, rever e formular tácticas, formas de acção, para promover apoio a todas as companhias, a fim de se capacitarem a melhorar a sua capacidade de combate, empregando correctamente os Kbrs(colaboradores); não se faz e, em Junho de '83, o camarada Reinaldo F.Belo escreve que o "bate e foge" é a ~~ser~~ "forma económica" da nossa guerra!

O camarada Okan rebatendo os princípios do último texto, afirma que se as nossas forças praticavam o "bate e foge" é esta a essencia de guerrilha. O camarada Okan leu as "questões estratégicas" de Mao tão apressadamente para rebater que nem as estudou! Se tivesse estudado com intenção de compreender para melhorar a sua capacidade, teria reparado entre outras, esta afirmação de Mao: "As leis da guerra são evolutivas não só no espaço (lugares onde as guerras se processam) e no tempo (épocas em que se fizeram as guerras) como no desenvolvimento do próprio processo (uma guerra ~~sobre~~ concreta)!

~~A nossa guerra deve ser~~

Repito: A nossa guerra deve ser compreendida sob o ponto de vista de como deve ser feita e não como ela se estava fazendo ou se faz e, muito menos, como ela se fez!

c - A COMPENETRAÇÃO DOS DEVERES NA APLICAÇÃO DA PRÁTICA. A cada um de nós foi dada uma actividade concreta, englobada nas actividades gerais. Quando se recebe uma dada tarefa, está-se a receber a responsabilidade pelo desenvolvimendo da mesma. Como foquei atrás, ninguem desenvolve imediatamente as suas actividades se se encontra pela 1ª vez à frente dela; é nesse sentido, que sempre explicamos as primeiras falhas pela inexperiência. Porém, também afirmei que, sempre que se esforça, qualquer um pode começar a ganhar a experiência necessária, mas se pelo contrário, não se esforça, marca-se passo irremediavelmente. A não ser em muitos casos vividos e sentidos entre quadros médios, o problema da"inexperiência" parece, parece que não é questão para alguns camaradas que arvoram bandeiras de experiência mas não querem provar na prática a sua consumada experiência. Mas, estou falando de compenetração e, para todos quantos desejam melhorar para melhor servir a Luta, vou retomando o fio da ideia. Como é que ainda não se sentido capaz, se pode falar já de compenetração? Pois, é no facto de saber enfrentar as dificuldades iniciais; é no facto de procurar SABER EXACTAMENTE O QUE É QUE SE DEVE FAZER! Quando a luta pede para que se responsabilize por determniada tarefa, deve-se procurar entender, deve-se procurar conhecer essa tarefa, a relação que se estabelece entre ela e as demais, a dependência ou a influência que recebe ou dá às restantes, a sua importância colocada no todo e nas partes, a relação entre ela e as outras do seu organismo e deste com outros organismos (superiores, iguais ou inferiores). Isto é compenetração, isto é responsabilidade e, mesmo sem muita experiência inicial, qualquer um estará capaz de falhar menos vezes e ganhar mais rápidamente a experiência nessa actividade concreta.

Mas se, no entanto, ainda se registam dificuldades, tanto teóricas como práticas, a compenetração no desempenho cabal das actividades, pod e verificar-se na disposição (franca e aberta, humilde e sem segundas intenções) de consultar outros companheiros - sejam quadros do mesmo nível ou inferiores, sejam as bases. A compenetração dos deveres pode verificar-se também no desejo de aprender sempre para melhor cumprir; a compenetração ou a responsabilidade podem ainda ver-se no contínuo esforço de fazer andar a tarefa porque se responde. Sobretudo, a compenetração dos deveres situa-se no espírito crítico ou no espírito de auto-crítica, que habilita a cada um reconhecer os próprios erros sem esperar que sejam outros a apontá-los; mas, reconhecer não basta, a compenetração exige que se corrija de imediato. Assim é uma das facetas da prática - a de compenetração dos próprios deveres. É alguma humilhação perguntarmos a outros o que não sabemos? A Rádio Dili apreciar a todo o mundo que nós não sabemos, se vamos consultar outros camaradas para melhorar as nossas actividades e ganharmos a guerra?

Pois então, quando, iniciando numa actividade seja ela menos ou mais complexa não nos preocuparmos por conhecer o nosso próprio papel dentro da estrutura, dentro da organização, dentro das actividades gerais, dentro daquela actividade concreta, não estamos capazes de pôr em marcha essa actividade, nem estamos capazes de apreciar as nossas próprias deficiências que estão travando o desenvolvimento do todo. Ficamos sem saber o que é que devemos fazer, quais as nossas verdadeiras atribuições e competências e permanecermos sòmente na espectativa, embaraçados nas nossas próprias teias. Quando isto acontece, só sabermos acusar. Digo "acusar", o que não é mesma coisa que "criticar". Quando as coisas complicam-se, quando as coisas alcançam já um grau de maturação tal que já não pode voltar atrás, reclama-se por "incompreensões", reclama-se por falta dum

de apoio, etc, etc, etc.

O que, na verdade, f-lta aos camaradas que agiram ou agem assim é a compenetração pelos seus próprios deveres.

d - A prática está também na aplicação dos pricípios - há coe muito e não há muito que falar sobre este aspecto, pois os recentes documentos (que ainda não chegaram ao conhecimento de todos) darão uma ideia mais clara sobre a questão dos princípios, devendo-se contudo procurar aplicar-se dinàmicamente com relação a outros níveis da nossa organização.

Sendo assim, vou colocá-los sumàriamente sobre a sua integração na prática.

Existem camaradas pretenciosos que concebem um princípio qualquer à sua maneira e nem se quer o praticam. Realmente muito se leu, falou e escreveu sobre princípio mas, também realmente pomo-los sempre em jogo. Aparenta-se sàbêr o centralismo mas não se preocupa em reconhecer o organismo a que se pertence; reclama-se a Direcção colectiva e não se pratica no órgão de que se faz parte. Grita-se por democracia, mas a democracia só é utilizada, na prática, para questões de roupas, lapizeiras, carne, de botas, etc. E, para cúmulo, o camarada Reinaldo reclama em letras gordas, a "LIBERDADE" em termos de "DIREITOS UNIVERSAIS DO HOMEM"! Lembro-me agora duma passagem do camarada Piter Braga que dizia a brincar que por tudo e por nada, colocam logo as questões na agenda da ONU" - por pouco, a Organização dos Direitos Humanos não era chamada a intervir em nossos problemas (repisos nossos, pois não são da Luta)!

Depois da "força" das críticas no Gatot, em Abril de 83, acompanhada de impreciosnante palavras de ordem gritadas por camarada Meuk, dois meses depois afirmava que não queria ser "sòmente executar". O camarada ESWAIN fez, em Março de 84, um grande esclarecimento às forças da ex-3a e escreveu dizendo que "até para simples combatente" ele aceitava, quando soube da sua desnomeação; dois meses depois passa a colocar-se na III Unidade. O camarada Okan afirma que os princípios são violados para servir interesses que não são da Luta (e haverá de prová-lo) e toma "liberdade de democracia" de lançar palavras de ordem ao CC !!!

Pois então, quando ainda não compreendemos bem qualquer princípio e, principalmente, quando ainda não o compreendemos entendemos no plano da sua aplicação, devemos ser humildes e aprender com outros. Se arvorarmos imediatamente conhecimento sobretudo, enquanto não estivermos maduramente integrados no processo, precipitamoenos a fazer uso das nossas concepções erradas.

Para todos os quadros, recomendo a leitura e estudo do texto "sobre o planeamento real das actividades", dirigidos aos membros do C.Permanente em Abril de 83, a "resposta às questões postas pelo CP Konis" e contínua aplicação no estudo dos "métodos de trabalho e direcção".

A prática portanto, deve ser apreciada também no plano de aplicação dos princípios, pois só o esforço de compreender na sua aplicação pode garantir uma prática consequente; sem este mínimo esforço, sem esta tomada de consciência, a nossa prática fica entravada pelo orgulho, pela "honra" de ser-se já isto ou aquilo, pelo competicionismo e pela megalomania.

A democracia é para servir a Luta; a democracia não é para servir de defesa de personalidade ferida. A democracia é para encontrar caminho certo para os esforços das FALINTIL (e são os guerrilheiros que combatem, que ficam feridos e morrem!!! e não é para reclamar "direitos". Ao lado dos direitos estão os deveres! E antes que utilizemos de "direitos", saibamos cumprir primeiro os deveres!

As reuniões teem os seus níveis e, quanto mais elevado for, não devemos transportar a forma como se fazem as reuniões dos escalões mais baixos para os escalões mais altos. Uma reunião de organismos de responsabilidade exige profundidade e exige compenetração, exige maior disciplina nos debates, exige que a democracia seja utilizada com discernimento! A transposição das formas de reuniões dos escalões inferiores só pode deturpar a democracia, perturbar a responsabilidade de reunião e maltratar a disciplina dos debates. Alguns ainda pensam que, se não falam também, já não existe democracia e, então, começam a falar e, passam a expressão "não dão baldas" - é uma torrente de água que não admite diques e, se fazem confrontados os seus pontos de vista, logo a seguir da reunião barafustam imediatamente. Outros até parece que só "não sabem falar", mas teem no íntimo uma vontade feroz de "contrariar tudo" e, depois das reuniões, voltam à rotina anterior. Lembro-me de ter escrito nos "métodos de trabalho e direcção": "enquanto durar a guerra, sou adjunto, sou membro do CC, etc." - é assim que fazem alguns camaradas! Enquanto durar a guerra, enquanto o inimigo continua massacrando o nosso Povo, enquanto os guerrilheiros vão morrendo...enquanto que "eu continue adjunto, membro do CC, etc. e etc."

Quero de novo abordar a questão da compreensão dos princípios na sua aplicação

ção prática. Senão, verificamos: o Cmdt-em-Chefe (como é da sua competência) escreve ao EMG para investigar a surpresa de Lekilolo; pois bem, o camarada Reinaldo respondeu com uma mensagem que "o Cmdt-em-Chefe deve apresentar os dados"; noutra mensagem, o camarada Reinaldo estabelece como princípio que o Cmdt-em-Chefe deve "reunir-se periódicamente com o EMG!" Desde '81, o extinto EMG só mandou três relatórios, referentes as actividades da ex-3ª!!! a falar de que"Rádio Dili fala de progresso", de "um velhote que tossia", de "um comandante de secção que entornara o comer" "forças da ex-3ª que "passeavam na estrada como se fossem para um bazar", etc. Enfim, são "esforços" que devem ser reconhecidos!

Os camaradas Hodu e Bukar, respectivamente Rp do CPermanente e Sub-Chefe do EMG, foram desnomeados em Fevereiro passado para supervisionar a Ponta Leste como Sec. da Região e RP do COMDOP - responderam sòmente: PRONTO! e começaram a trabalhar com energia e abnegação! Estão inegàvelmente às ordens do Partido e da Luta! Concebem com clareza a disciplina, o centralismo, a democracia e as competências a cada um atribuidas!

E vamos ouvir um camarada Aswain que comentou nestes termos, quando soube da desnomeação dos dois camaradas: "Um membro do CC a fazer trabalhos de um quadro médio?!? ou um camarada Mauk incita as forças da companhia B daIV com "estratégia militar" que eu não conheço, pois a estratégia militar está definida no planeamento e inserida na estratégia geral que todos sabemos! e um camarada Rp Reinaldo a decidir-se "para o bem e para o mal" pela "passagem de poderes de decisão pela guerra"!

Tmbém já fiz ver a todos o exemplo de um camarada Alex, como temos de um Cristiano Lima, do saudoso Niky, e tantos e tantos! Será que estes camaradas fizeram-nos inconscientemente? Os esforços que desenvolveram depois exigem-nos a não sermos inconscientes apreciando assim!

e - A VONTADE DE APERFEIÇOAMENTO PESSOAL FAZ PARTE DA PRÁTICA. Sempre que possui o espírito crítico e o suficiente espírito de responsabilidade, qualquer um pode melhorar gradual e permanentemente, pois terá adquirido uma vontade indomável de progredir. Isto só não acontece aos orgulhosos, com os competicionistas e megalómanos, porque eles não podem, de nenhuma maneira, ganhar o espírito de auto-crítica (que não são auto-críticas 'solenes' e retumbantes a que só faltavam os aplausos dos ouvintes) nem podem possuir a vontade franca de aprender com outros para melhorar a si mesmos.

Essa vontade faz parte da prática porque se se melhora, melhora-se a prática e, quando a prática melhora, melhora-se a si mesmo que, por sua vez, vai produzir outra melhoria na prática e,assim sucessivamente, Todos verificámos que, sempre que alguem permanece num dado estádio do seu desenvolvimento, a prática começa a baixar de produtividade e essa prática começa a ser o travão da prática dos restantes. Mas também todos verificamos já que, se um camarada se aperfeiçoou gradualmente ele começa a desenvolver com maior capacidade as suas obrigações, começa a ganhar iniciativa, começa a ganhar confiança de todos e tmbém começa a marcar na sua prática o selo de uma sensível melhoria. O aperfeiçoamento pessoal insere-se no aperfeiçoamento da prática pela constante correcção da prática; mas o aperfeiçoamento pessoal insere-se também no plano de pensamento na busca de compreensão que devemos ter das questões sob a nossa responsabilidade. Já afirmei noutros textos que a ex-1ª compª tinha, na Reorganização do País, em '81, mai novatos que veteranos; em '82, progrediram. Hoje a companhia "A" da 1ªUnidade está também a revelar progressos visíveis. É a vontade de aperfeiçoamento, é a vontade de melhoria. Antes da reestruturação de Abril, o Cmdt Mau Kalu dizia: "entreguem-me um pelotão e deixem-me actuar com iniciativa!" e o Cmdt Dadian também acrescentava: "deem-me dez armas e provarei o que se pode fazer"! - era uma vontade irresistível de lutar, de combater, de aperfeiçoar, de cumprir! E o Cmdt Fera Lafaek, depois de uma acção em Kribas, insistiu junto do próprio Cmdt Aswain: "Entreguem-nos a capacidade de iniciativa e cumpriremos os vossos planeamentos!" E Fera Lafaek provou depois, com os seus companheiros que podiam e que desejavam aperfeiçoar as suas capacidades subjectivas (de comando) e no campo da prática (em formas de acção apropriadas).

E a vontade de aperfeiçoamento dá largas à iniciativas! Inicitiva, outro tema de diferenças de opinião. Uns camaradas opinam que iniciativa é a capacidade de eles fazerem como entenderem opinam que iniciativa é a "capacidade de eles fazerem como entenderem" hoje quero fazer isto, faço; amanhã outra coisa, também faço; depois de amanhã, quero mais uma coise, mas depois deixo de querer e não faço; e outros, que pouco desejam e fazem quase nada é a isto que chamam de iniciativa! Um planeia que, para ele é o estudo e para outros o contacto com as situações e toma a iniciativa e pronto! Um outro propõe uma reunião e marca o dia, mas depois vai-se embora sem dizer nada e - pronto! Belas iniciativas! O Cmdt Fera Lafaek soube colocar "nossas iniciativas" na relação com "vossos planeamentos" é assim mesmo - qualquer iniciativa é limitada e toda

reclamada liberdade é relativa. Se procurarmos compreender bem as questões melhorare - mos sòmente a nossa própria prática!

E o aperfeiçoamento deve ser compreendido (entendido) na correcção que vamos - provocando nas nossas ideias e nos nossos métodos de trabalho. A correcção das ideias implica-se constante clarificação dos princípios, dos conceitos e das questões. Correcção dos métodos significa revisão do método de cada umú, segundo as suas competências e atribuições. Só isto é que pode proporcionar aperfeiçoamento pessoal e constante.

f - O TEMPO COLOCADO NA PRÁTICA : Não é muito importante este critério, pois a tendência para apresentar os "nove anos de prática ou experiência" confundem ainda alguns camaradas. O próprio tempo pode medir-se em: remoto, próximo e actual. O remoto - pode ~~dividimos~~ sub-dividir-se em duas fases para apreciarmos as sobrevivências de classe que cada um tráz, em maior ou menor escala, desde o período anterior à guerra e a nova mentalidade e prática que se adquiriu, em maior ou menor grau, no período das bases de Apoio - o próximo pode dizer respeito a duas situações (mas ambas respeitam a situação da fase de guerrilha até a certo período anterior ao momento em que se faz a apreciação) :

a) - na primeira situação, colocam-se os dois períodos distintos de após a queda até a Reorganização e a partir da Reorganização;

b) - a outra, a prática na actividade anterior e a da actividade actual. O actual vincula tão sòmente a prática do momento à prática do momento anterior. Ø Vínculo porque estabelece uma relação em termos comparativos donde se pode concluir que nada mudou, ou que piorou ou, ainda que fez progresso. E como todos já sabemos, vamos verificar si isso mesmo (essa apreciação)nos resultados que forem aparecendo, resultados tanto alcançados individualmente como conseguidos colectivamente.

Não é a 1ª vez que falo disto mas, como existem obstinados decididos a salvaguardar o prestígio de "prática", vamos rever esta questão de tempo na sua relação com a prática.

De uma maneira geral, todos temos na ideia de que certa quantidade de tempo dá qualquer um a classificação de veterano mas, também de uma maneira geral, o conceito de "veterano" era sòmente sinónimo de "muito tempo". José da Conceição era veterano , mas era um quadro sem iniciativas, era um quadro de rotineiro; alguns combatentes veteranos não são agressivos como muitos recem-saídos; alguns quadros veteranos já não estão a altura das circunstâncias e ultrapassados por outros camaradas mais dinâmicos. Neste sentido, é falsa a ideia de que "ser veterano" é ter sido "quadro há muito tempo. Quando se diz que um indivíduo é veterano, e porque se lhe conhece mais experiências - boas; quando se aprecia um quadro como veterano é porque ele possui prática consequente. Porque é que, algumas vezes referindo-nos algum "novato", dizemos: "é até melhor que alguns veteranos?" ? É porque, em 1º lugar, reconhecemos uma boa prática nesse "novato" e, em segundo lugar, estamos verificando simplesmente que ser veterano não significa, por si so ter boa prática.

Um Secretário da Zona pode ter sido bom nas Bases de Apoio, hoje não é muito bom como Comissário Político; um Assistente pode ter sido razoável nas Bases de Apoio, hoje é bom como Adjunto; um Cmdt, pode ter sido bom na Ponta Leste, hoje não é muito bom nos Centros, cumpre com correcção e melhora, Um Cmdt da Companhia foi bom no ano passado, hoje como Cmdt da Unidade, continua bom; ou um Cmdt da Companhia era bom anteriormente, hoje como Cmdt Superior, não responde. Ontem, aquele camarada cumpria bem determinadas actividades, hoje, chamado a novas responsabilidades, continua a desempenhar - bem as suas tarefas; ou então, sucede o contrário, esse camarada ficou "orgulhoso pela promoção" e hoje passa o tempo a "conservar a promoção". Faz-nos lembrar os "furrieis de 25 de Abril" que passeavam nas ruas de Dili, fardados e com os "galões" dia e noite. Para esses quadros, a promoção é um fim em si e não um meio para contribuir para a luta com mais responsabilidade, com mais abnegação, com maior espírito de iniciativa, humildade e esforço de aperfeiçoar sempre para servir cada vez melhor.

"Errar é próprio do homem"! - é dito as vezes, mas é fundamentalmente próprio - do homem o saber corrigir-se! Até os próprios animais aprendem com os erros; vejamos: as vacas e os búfalos que hoje praticam melhor a "guerrilha" que nós; o rato que já - não se engana com laço que lhe preparamos, depois do 1º infeliz que foi esmagado; o macaco, o veado, etc. Assim devemos concordar que é, basicamente próprio do homem, a capacidade de aperfeiçoamento permanente. Mas nada se faz sem esforço, claro; nada se - consegue sem espírito abnegado e humilde, evidentemente.

"Errar é próprio do homem" - mas um homem consciente e responsável, deve procurar errar menos vezes! Não se classifica um bom cmdt porque nunca sofren derrotas, isso é difícil, para não dizermos impossível; classifica-se um cmdt como bom pelo maior número de sucessos que tenha conseguido ua relação dos seus insucessos. E torna-se evi-

de nte que aqui funciona o critério do tempo na sua relação com a prática.

É certo que um ~~inverno~~ revés, um insucesso, não podem desqualificar o valor de um cmdt; mas uma série de revezes, uma série de insucessos, já podem estar provando a capacidade, demonstrando uma prática e confirmando o estado de estagnação desse cmdt. É certo que uma parcela de tempo não pode desvirtuar "toda uma situação", mas também é certo que uma boa parcela de tempo sem iniciativa, rotineira, passiva e sem método e - sem esforço não pode continuar a validar na mesma tabela, aquela toda uma situação("C= =todo um tempo anterior)".

Assim, todos compreendemos que a prática não pode ser desligada do tempo; a prática pode sofrer altos e baixos, no decurso dos anos, pode assumir mais altos que ~~mais~~ baixos, ~~mandamos~~ pode continuar no mesmo nível e pode, indicar mais baixos que altos. No primeiro caso, verificamos algum esforço mas inconstante; no segundo, já devemos reconhecer grande esforço ~~mesmo~~ e muito vontade de correcção; no terceiro, vemos sòmente rotina e pouco esforço e, no último caso, nenhum ou muito pouco esforço, nenhuma ou muito pouca iniciativa, nenhuma ou muita pouca compreensão!

g - A PRÁTICA DEVE SER MEDIDA NAS RESPONSABILIDADES. Ser um quadro é será um responsável. Actuar como um quadro é actuar com responsabilidade. As responsabilidades - são maiores ou menores e, conforme os casos, é que dizemos que se exige mais responsabilidade a quem recebe maior responsabilidade.

Se é Adjunto deve-se tomar consciência de que, como Adjunto, não pode continuar a ter prática de Assistente; se é colocado para cmdt da companhia deve-se pensar que - não pode continuar a saber comandar sòmente um pelotão; se se é nomeado cmdt de Brigada, deve-se estar compenetrado de que deve esforçar-se por saber desempenhar estas novas funções; se se é escolhido para membro do CC, deve-se tomar consciência de que todo e qualquer acto, todo e qualquer pensamento, toda e qualquer actividade deve ser um exemplo de correcção e abnegação, de disciplina e de responsabilidade.

Se se é membro do CC, tanto no pensamento como no comportamento e na prática, - DEVE-SE DEMONSTRAR UM ESTILO DE TRABALHO de defesa, na prática, dos princípios, activação metódica das actividades, de preocupação constante pelos problemas e pela solução, consciente espírito de auto-crítica, de um grande espírito de iniciativa e de um grande amor à disciplina e, ainda, de uma vontade formidável de aprender e de ensinar.

Se se é membro do CRRN, o estilo de trabalho deve ser o mesmo. Desde a Conferência de Março/81, que alterei para o facto de, o Comando Superior de Guerra, até aos Comandos dos Sectores, se terem limitado sòmente a receber o volume de acções, se terem sòmente a fazer reestruração das forças, e sem o necessário o dinamismo para a aplicação ordenada dos princípios e para o planeamento global das acções dos cmds. operacionais. A Partir de 82, nos Centros permanecemos o mesmo. Em muitos casos de indisciplina que se resolvem, verifica-se que todos têm a noção de que num mesmo caso, a culpa é mais grave quando se trata de bases e que, em casos idênticos, a um quadro médio, a punição é mais severa do que a um quadro inferior. Porque será? Porque todos estamos conscientes de que, conforme o peso das responsabilidades que cada um recebe, exige-se, a cada um, maior ou menor grau de responsabilidade. Todavia, se já sabemos aplicar isto - na prática de definir a responsabilidade sobre uma dada prática, nem todos partem, noutra maneira de dizer, nem todos estão conscientes deste princípio: EU PRÓPRIO DEVO - EXIGIR DE MIM MESMO O PESO DA RESPONSABILIDADE QUE RECEBI: Eu próprio devo estar compenetrado de que devo cumprir MAIS QUE OS OUTROS; eu próprio devo saber medir a minha própria prática; eu próprio devo procurar corrigir-me sempre para estar a altura das - minhas responsabilidades; eu próprio devo aprender mais para desempenhar com correcção as minhas actividades; eu próprio devo comportar-me, cada vez melhor, para ser capaz de apoiar outros camaradas.

Este princípio, este espírito não existe nalguns camaradas. Alguns camaradas sabem que, quando se recebe uma vacina, já se está imune de uma determinada doença (imune = livre, portanto livre de apanhar doença contra a qual se vacina). É assim que agem alguns camadas camaradas; eles pensam que ser membro do CC os imuniza de qualquer erro, deficiência, incapacidade, comportamentos errados, de rotina, etc, pensam que a "promoção" também os imuniza de passividade, de rotina, de incapacidade, etc, e... de "despromoção". Pois para esses camaradas, já é inadmissível apontar o dedo às falhas, às deficiências, porque não existem, pois eles já são membros do CC; e que é também aborrecido dizer-se a um "promovido" que necessita ainda de melhorar muito, porque ele dirá - que se foi "promovido" porque reunia "capacidades" (noutros termos que se costumam dizer ou utilizar:: "o partido reconheceu as minhas capacidades")! etc.

Pois então, é necessário que todos tomemos consciência das nossas próprias responsabilidades perantes a Luta. Se sou um membro do CRRN, a minha responsabilidade deve ser sobre o todo da guerra, enquanto que uns permaneciam nos seus "específicos";

não aplicam a democracia para solucionar os problemas que afectam a Luta e utilizam-na para brincar a democracia. Se sou um membro da Comissão Regional, a minha responsabilidade é sobre o desenvolvimento de todas as actividades da Luta dessa Região - que devo mais que todos de activar. Se sou um Cmdt da Unidade, devo olhar a Unidade no seu todo, antes que parta para ver sòmentea companhia onde estou colocado. Se sou um Comissário Político o meu esforço, a minha iniciativa e o meu espírito de disciplina devem ser maiores que de um Assistente.

Assim a prática deve ser conotada nas responsabilidadesś para que cada um saiba o grau da sua responsabilidade que lhe cabe pelo desenvolvimento ou pelo não-desenvolvimento das actividades gerais e das actividades que cada um recebe. Porque digo recebe? Porque cada um tem em mãos actividades para desenvolver; porque alguns camaradas esqueceram-se de que receberam determinadas responsabilidades perante a Luta, esquecem-se de que essas responsabilidades é que exigem deles maior entrega e maior esforço. Porque, a não ser assim, gritamos a outros quadros "para abnegação, para o sacrifício, para a disciolina" e somos nós que ~~evitamos os sacrifícios~~ não impomos disciplina a - nós mesmos, somos nós que evitamos os sacrifícios e somos nós que não demonstramos abnegação.

O camarada Renaldo, para expanto dos quadros médios em reunião da Comissão, pede a estes para explicarem a estrutura, com a justificativa de que ainda não teve tempo para a ver. Os camaradas Bere e Reinaldo, participaram e dirigiram a reunião da Comissão, apesar de os quadros médioslhes terem surgidos para deixá-los a eles verem os problemas da Comissão pois os dois camaradas deveriam ocupar o tempo em questões de maior responsabilidade pelo todo! E responsabilidade é também ter a noção de que se é sòmente SERVIDOR! Sirvo e sou responsável porque, se sirvo bem, cumpro o meu dever e se cumpro bem o meu dever, eu sou um bom responsável.

E quem pode verificar isso? Dizemos sempre que é o Partido! Mas também dizemos isso a pensar que o Partido deve reconhecer que "também trabalhamos e rejeitamos que o Partido diga que trabalhamos mal ou que não trabalhamos devidamente". Ainda se pode pôr esta questão: e como é que o Partido vê, como é que o Partido reconhece ou critica? Alguns camaradas concebem a "presença" do Partido quando recebem louvores, elogios e ficam vaidosos; outros concebem o Partido na auto-apreciação: se eles portam assim e pensam que está bem, se eles fazem isto ou aquilo e pensam que está bem, conferem a si o "reconhecimento" do Partido. E então como é que vamos compreender? Pois se o Partido só existe porque existem os seus militantes, são os outros militantes do Partido que apreciam em nome do Partido, são os outros camaradas que criticam em nome do Partido. Camaradas quem? Os outros quadros do mesmo escalão, os superiores, os dos escalões inferiores, as bases, todos, todos sem excepção. Vou tomar outro exemplo: No encontro que tive com Conselheiro Ruak e camarada ASWAIN, ficou resolvido que em 27 de Fevereiro os dois camaradas iriam adiante contactar com os então membro do CPermanente; mas só foram uma semana depois (por causa de "recuperação", milho de Ramé, mandioca de Krarás, bafas de Buku-Ana). Quando os dois camaradas partiram, o camarada Comba Bélgica comentou assim: "o 2º ASWAIN anda porque o irmão está aqui; quando chegar a Bibileu e olhar para trás e não vir ninguém, há-de ficar já lá"! Não foi um pensamento falso - a verdade é que o camarada ASWAIN ficou para os lados de Kudi-Laran; nem avançou para a frente nem se dignou a ir à reunião, apesar de ter sido convocado (não esquecendo as "explicações" que mandou)! Compreendemos assim que não podemos pensar no Partido como uma coisa abstracta porque o Partido ou a Organização da Resistência é uma realidade encarnada em nós mesmos e em nós todos desde o responsável principal ao militante mais novo. Prestamos contas à Luta e prestamos contas a todos. Mas muitas e tantas vezes ficamos surdos, ficamos cegos às críticas promovidas pelas bases; as críticas que nos são feitas pelos subalternos. Surdos simplesmente e cegos também simplesmente, porque desviamos os ouvidos a ouvir as nossas auto-apreciação e desviamos os olhos a ver o retrato que pintamos de nós mesmos. E não caimos na conta de que as apreciações do Partido são as mais objectivas (a que devemos ouvir com humildade e consciência) e que a imagem que o Partido tem de nós é a verdadeira (a qual devemos reparar com olhos de auto-crítica e sinceridade).

Estas apreciações e esta imagem que o Partido possui de nós é que reforçam ou - diminuem a confiança política de cada um perante a Organização; são estas apreciações e esta imagem que o Partido possui de nós, é que dão ou retiram a autoridade política! Repito, o Partido são todos os seus militantes! A autoridade política não é imposta, a autoridade política adquire-se pela prática, ganha-se com a confiança que toda a Organização vai depositando em cada um de nós! A autoridade política não se adquire, se não se adquire a mínima confiança política e a confiança política não existe, se não existe uma prática correcta e consequente e essa prática não aparece, se não aparece esforço e responsabilidade!

A autoridade política não se impõe com esclarecimentos, a autoridade política não se impõe por "poderes de decisão", a autoridade política não se impõe porque se é membro do CC ou do CRRN ou da Comissão, etc. Um combatente também pode possuir autoridade política sobre os seus companheiros; um quadro inferior pode ter a confiança política entre os membros de uma organização e um quadro médio não a possuir. As funções para que somos chamados não conferem, imediata e automàticamente, nem confiança nem autoridade. Ganhamo-las pela prática, pelo espírito de responsabilidade, demonstrado pela abnegação, pelo esforço e pelo espírito de disciplina que revelamos. Porque é que há alguns que, quando estão a fazer um esclarecimento, estão os combatentes a coçar a cabeça, a sair aos poucos ou a contemplar simplesmente para as plantas ao seu redor? Porque esses quadros não têm a confiança política necessária da parte dos combatentes; porque os combatentes sabem que aquilo "é só boca" e porque os combatentes sabem de ante mão que depois, andarão as coisas no mesmo ritmo. Assim, todos devemos lembrar-nos desta faceta da responsabilidade - a responsabilidade pela Luta, a responsabilidade perante os outros componentes da Organização, chamando, cada um para si, o peso da sua própria responsabilidade!.

h - A PRÁTICA É A CONSTANTE MELHORIA DA PRÁTICA: Depois de todas as considerações atrás descritas, concordaremos todosque na verdade, a PRÁTICA É A CONSTANTE MELHORIA DA PRÁTICA.

A melhoria de qualquer coisa a que nos propomos fazer, só pode alcançar-se com a correcção constante. Na Ponta Leste verifica-se um esforço quase global dos quadros médios para a melhoria do português (um esforço louvável que tanto no Centro como na Fronteira devem seguir). Os resultados, evidentemente, não podiam aparecer logo de imediato; os hábitos adquiridos na prática de tantos anos, só poderão ser corrigidos com persistência. Notamos progressos mas os camaradas estão compenetrados que ainda não alcançaram o grau a que queriam chegar. Vamos ver : se param agora, se não persistem na correcção, a prática de falar português deu um passo em frente mas parou e, por isso, só lamentarão de que ainda não falam correctamente o português. O que é que se exige? Exige-se (ou melhor eles devem exigir de si próprios) que a prática de correcção deve continuar para que possam falar bem, o que só significa que a prática de falar bem o português só pode resultar de uma prática de constante melhoria dessa prática. Neste exemplo, quero tão sòmente demonstrar a todos que uma prática só é correcta e consequente quando a melhorarmos constantemente.

Verificamos, em toda esta exposição, como andam, muito ligados entre si, o comportamento e a prática. Comportamento são as acções e reacções de cada indivíduo - as suas atitudes. Prática é tudo aquilo que expomos, resumido nestes termos : o empenhamento na realização de tarefas, a observância dos princípios e a correcta aplicação dos métodos.

Anda o comportamento ligado à prática, porque a disposição do espírito, a disposição da mênte, para agir assim ou agir doutra forma, é que regulará a prática. Se eu estou disposto a melhorar a mim mesmo; já possuo vontade de proceder à correcção de mim mesmo; se, pelo contrário, penso que já sou bom, não sinto a necessidade de corrigir-me. Se sou orgulhoso não aceitarei críticas e, evidentemente, não estou disposto a corrigir-me; mas, se pelo contrário, eu for humilde, saberei ouvir e saberei olhar para mim mesmo e saberei ver a necessidade de progredir.

Para terminar, alerto a todos para que, a partir das exemplicações dadas, cada qual passa fazer a sua própria reverificação.

Coloquei questões sobre o Comando Superior da Guerra, porque a Direcção é o Cérebro da Organização e, no cérebro, RESIDE A ACTIVIDADE MENTAL, A CAPACIDADE DE PENSAR !

A Direcção deve ser vista em termos de teoria, em termos de princípios, em termos de Planeamentos, em termos de Orientações e em termos de capacidade de activar! É esta a prática de Direcção que a Luta pede, é esta a prática de que a Luta necessita! A Direcção não pode ser só vista em termos de "tomar decisões"; a capacidade de tomar decisões é a última fase daquelas capacidades todas envolvidas!

Em qualquer escalão, a direcção de um organismo deve procurar melhorar sob estes aspectos todos! A par de papel de Dirigir, todos, sem excepção, têm o dever de EXECUTAR, sob as competências a cada um atribuídas.

O estudo e o debate deste texto deve ser crítico e consciêncioso, pois só assim todos melhoraremos para o bem da Luta!

DISCIPLINA E RESPONSABILIDADE ! - a palavra de ordem do Partido.-

Timor Leste, Outubro 1984.-